

Émile Nelligan: Poemas de Québec

Nelson Leon

Dotado de uma sensibilidade privilegiada, figura das mais conhecidas da literatura, na sua terra, Émile Nelligan mereceu amplamente o destaque de que desfruta no Québec. Infelizmente, uma sensibilidade como a dele não poderia permanecer intacta em um mundo governado por interesses materiais. Dedicado integralmente à poesia, que era para ele objeto de um trabalho intenso de aperfeiçoamento, Nelligan, tornou-se um mito em seu campo. Seu ideal poético o mantinha em um sonho eterno que o distanciava sempre mais da realidade. Aliás, no seguinte verso do poeta há um sentido estranhamente premonitório. Em "Le Vaisseau D'Or", ele diz "Hélas! Il a sombré dans l'abîme du Rêve!". Teve, pois, que ser internado em instituições psiquiátricas por um longo período de sua vida. Tendo desde cedo sentido predileção pela língua e pela cultura de sua mãe, canadense-francesa, conseguiu compor uma coletânea de poemas de um lirismo notável entre os quais escolhemos alguns para a versão portuguesa.

LEON, Nelson. *Émile Nelligan: Poemas de Québec*

LES CHATS

Aux becs de gaz éteints, la nuit, en la maison,
Ils prolongent souvent des plaintes éternelles;
Et sans que nous puissions dans leurs glauques prunelles
En sonder la sinistre et mystique raison.

Parfois, leur dos aussi secoue un long frisson;
Leur poil vif se hérissé à des jets d'étincelles
Vers les minuits affreux d'horloges solennelles
Qu'ils écoutent sonner de bizarre façon.

LES BALSAMINES

En un fauteuil sculpté de son salon ducal,
La noble Viennoise, en gaze violette,
De ses doigts ivoirins pieusement feuillette
Le vélin s'élimant d'un missel monacal.

Et sa mémoire évoque, en rêve musical,
Ce pauvre guitariste aux yeux où se reflète
Le pur amour de l'art, qui, près de sa tablette,
Venait causer, humant des fleurs dans un bocal.

La lampe au soir vacille et le vieux Saxe sonne;
Son livre d'heures épars, Madame qui frissonne
Regagne le grand lit d'argent digne des rois.

Des pleus mouillent ses cils... Au fier blason des portes
Quand l'aube eut reflambé, sur le tapis hongrois
Le missel révélait des balsamines mortes...

Os GATOS

Nos bicos de gás extintos, à noite dentro de casa,
Eles estendem, a miúdo, lamúrias eternas;
E sem que possamos em suas glaucas pupilas
Sondar a sinistra e mística razão.

Às vezes, seu dorso é sacudido por um longo arrepio
Seu pelo vivo eriça-se em jatos faiscantes
Às meias-noites medonhas de relógios solenes
Que escutam soar de estranha maneira.

AS BALSAMINAS

Em uma poltrona esculpida de seu salão ducal,
A nobre Vienense, em gaze violeta,
De seus dedos qual marfim com devocão folheia
O velino desfiando de um missal monacal.

E sua lembrança evoca, em sonho musical,
O pobre guitarrista, cujos olhos refletem
O puro amor à arte, que, perto de sua estante,
Vinha conversar, aspirando flores em um cristal.

Vacila a lâmpada à noite e o velho Saxe soa;
Seu livro de horas disperso, a Dama estremece
Voltando ao grande leito de prata digno de reis.

Lágrimas molham seus cílios... No nobre brasão das portas
Quando reluziu a aurora, sobre o tapete húngaro
O missal revelava balsaminas mortas...

LE JARDIN D'ANTAN

Rien n'est plus doux aussi que de s'en revenir
Comme après de longs ans d'absence,
Que de s'en revenir
Par le chemin du souvenir
Fleuri de lys d'innocence,
Au jardin de l'Enfance.

Au jardin clos, scellé, dans le jardin muet
D'où s'enfuirent les gaiétés franches,
Notre jardin muet
Et la danse du menuet
Qu'autrefois menaient sous branches
Nos soeurs en robes blanches.

Aux soirs d'Avrils anciens, jetant des cris joyeux
Entremêlés de ritournelles,
Avec des lieds joyeux
Elles passaient, la gloire aux yeux,
Sous le frisson des tonnelles,
Comme en les villanelles.

Cependant que venaient, du fond de la ville,
Des accords de guitare ancienne,
De la vieille villa,
Et qui faisaient devenir là
Près d'une obscure persienne,
Quelque musicienne.

Mais rien n'est plus amer que de penser aussi
A tant de choses ruinées!
Ah! de penser aussi,

O JARDIM DE ANTANHO

Nada é mais doce que voltar
Após longos anos de ausência,
Que voltar
Pelo caminho da lembrança
Florido de lírio de inocência,
Ao Jardim de nossa Infância.

Ao jardim cerrado, selado, jardim mudo
De onde escaparam as alegrias genuínas,
Nosso jardim emudecido
E a dança do minueto
Que outrora conduziam sob os galhos
Nossas irmãs em trajes brancos.

Nas noites de Abris remotos, lançando gritos alegres
Entremeados de estribilhos,
Com canções alegres
Elas passavam, a glória nos olhos,
Sob o estremecer das trepadeiras,
Como nos vilarejos

Enquanto vinham do fundo da vivenda,
Acordes de guitarra antiga,
Da velha vivenda,
E que faziam aparecer ai
Perto de uma escura persiana,
Alguma musicista.

Mas não há nada mais amargo que pensar
Em tantas coisas arruinadas!
Ah! pensar ainda

LEON, Nelson. *Émile Nelligan: Poemas de Québec*

Lorsque nous revenons ainsi
Par des sentes de fleurs fanées,
A nos jeunes années.

Lorsque nous nous sentons névrosés et vieillis,
Froissés, maltraités et sans armes,
Moroses et vieillis,
Et que, surnageant aux oublis,
S'éternise avec ses charmes
Notre jeunesse en larmes!

DEVANT LE FEU

Par les hivers anciens, quand nous portions la robe,
Tout petits, frais, rosés, tapageurs et joufflus,
Avec nos grands albums, hélas! que l'on n'a plus,
Comme on croyait déjà posséder tout le globe!

Assis en rond, le soir, au coin du feu, par groupes,
Image sur image, ainsi combien joyeux
Nous feuilletons, voyant, la gloire dans les yeux,
Passer de beaux dragons qui chevauchaient en troupes!

Je fus de ces heureux d'alors, mais aujourd'hui,
Les pieds sur les chenets, le front terne d'ennui,
Moi qui sens toujours l'amertume dans l'âme.

J'aperçois défiler, dans un album de flamme,
Ma jeunesse qui va, comme un soldat passant,
Au champ noir de la vie, arme au poing, toute en sang!

Enquanto voltamos assim
Por sendas de flores fanadas,
A nossos jovens anos.

Quando nos sentimos neuróticos e envelhecidos
Feridos, maltratados e desarmados,
Morosos e decadentes,
E que, superando os esquecimentos,
Eterniza-se com seus encantos
Nossa juventude em prantos!

DIANTE DA LAREIRA

Nos velhos invernos, quando usávamos vestidos,
Pequeninos, fresquinhos, rosados, barulhentos e bochechudos,
Com nossos grandes álbuns, que ai não temos mais,
Como acreditávamos já possuir o mundo inteirinho!

Sentados em roda, à noite, ao pé do fogo, em grupos
Quão alegres folheávamos, imagem após imagem,
Vendo, a glória nos olhos,
Passar belos dragões a cavalgar em tropas!

Fui daqueles felizardos de então, mas hoje,
Pés nos morilhos, a fronte pálida de tédio,
Sinto sempre amargura na alma,

Vislumbro desfilar, em um álbum flamejante
Minha juventude que vai como um soldado passando,
Pelo campo negro da vida, arma em punho, toda em sangue!

LA ROMANCE DU VIN

Tout se mêle en un vif éclat de gaîté verte.
Ô le beau soir de mai! Tous les oiseaux en choeur,
Ainsi que les espoirs naguères à mon coeur,
Modulent leur prélude à ma croisée ouverte.

Ô le beau soir de mai! Le joyeux soir de mai!
Un orgue au loin éclate en froides mélopées;
Et les rayons, ainsi que de pourpres épées,
Percent le coeur du jour qui se meurt parfumé.

Je suis gai! je suis gai! Dans le cristal qui chante,
Verse, verse le vin! verse encore et toujours,
Que je puisse oublier la tristesse des jours,
Dans le dédain que j'ai de la foule méchante!

Je suis gai! je suis gai! Vive le vin et l'Art!...
J'ai aussi le rêve de faire aussi des vers célèbres,
Des vers qui gémiront les musiques funèbres
Des vents d'automne au loin passant dans le brouillard.

C'est le règne du rire amer et de la rage
De se savoir poète et l'objet du mépris,
De se savoir un coeur et de n'être compris
Que par le clair de lune et les grands soirs d'orage!

Femmes! je bois à vous qui riez du chemin
Où l'Idéal m'appelle en ouvrant ses bras roses;
Je bois à vous surtout, hommes aux fronts moroses
Qui dédaignez ma vie et repoussez ma main!

Pendant que tout l'azur s'étoile dans la gloire,
Et qu'un hymne s'entonne au renouveau doré,

A ROMANÇA DO VINHO

Tudo se mescla em um vivo brilho de verde alegria.
Ó a bela tarde de maio! Todos os pássaros em coro,
Tais como as esperanças rentes a meu coração,
Modulam seu prelúdio à minha janela aberta.

Ó a bela tarde de maio! a alegre tarde de maio!
Um orgão vibra ao longe frias melopéias
E os raios, tal como purpúreas espadas,
Penetram o coração do dia que morre perfumado.

Estou alegre! estou alegre! No cristal que canta,
Verte, verte o vinho! verte ainda e sempre,
Para que possa esquecer a tristeza dos dias,
No desdém que tenho pela gente ruim!

Estou alegre! estou alegre! Viva o vinho e a Arte!
Também sonho em fazer versos célebres,
Versos a gemer as músicas fúnebres
Dos ventos de outono ao longe passando no nevoeiro.

É o reinado do riso amargo e da raiva
De se saber poeta e objeto de desprezo,
De se saber um coração e de ser compreendido
Apenas ao luar e nas grandes noites de tempestade!

Mulheres! bebo a vocês que gracejam do caminho
Para onde o Ideal me chama abrindo seus braços róseos;
Bebo sobretudo a vocês, homens de frontes tristonhas
Que desdenham minha vida e repelem minha mão!

Enquanto o céu todo estrela-se em glória,
E que um hino entoa ao renovar dourado,

LEON, Nelson. *Émile Nelligan: Poemas de Québec*

Sur le jour expirant je n'ai donc pas pleuré,
Moi qui marche à tâtons dans ma jeunesse noire!

Je suis gai! je suis gai! Vive le soir de mai!
Je suis follement gai, sans être pourtant ivre!...
Serait-ce que je suis enfin heureux de vivre;
Enfin mon coeur est-il guéri d'avoir aimé?

Les cloches ont chanté; le vent du soir odore...
Et pendant que le vin ruisselle à joyeux flots,
Je suis si gai, si gai, dans mon rire sonore,
Oh! si gai, que j'ai peur d'éclater en sanglots!

SÉRÉNADE TRISTE

Comme des larmes d'or qui de mon coeur s'égouttent,
Feuilles de mes bonheurs, vous tombez toutes, toutes.

Vous tombez au jardin de rêve où je m'en vais,
Où je vais, les cheveux au vent des jours mauvais.

Vous tombez de l'intime arbre blanc, abattues
Çà et là, n'importe où, dans l'allée aux statues.

Couleur des jours anciens, de mes robes d'enfant,
Quand les grands vents d'automne ont sonné l'olifant.

Et vous tombez toujours, mêlant vos agonies,
Vous tombez, mariant, pâles, vos harmonies.

Vous avez chu dans l'aube au sillon des chemins;
Vous pleurez de mes yeux, vous tombez de mes mains.

Comme des larmes d'or qui de mon coeur s'égouttent,
Dans mes vingt ans déserts vous tombez toutes, toutes.

Pelo dia expirando portanto não chorei,
Eu que ando às cegas na minha juventude sombria!

Estou alegre! estou alegre! Viva a noite de maio!
Estou loucamente alegre, porém não embriagado!...
Será que enfim estou feliz da vida;
Será que afinal meu coração sarou de ter amado?

Os sinos cantaram; o vento noturno odora...
E enquanto o vinho flui em verdejantes ondas,
Estou alegre, tão alegre em meu riso sonoro,
Oh! tão alegre, que tenho medo de cair em prantos!

SERENATA TRISTE

Como lágrimas douradas que de meu coração escorrem,
Folhas de minhas alegrias, vocês caem todas, todas.

Vocês caem no jardim de sonho para onde me vou,
Para onde vou, cabelos ao vento dos dias ruins.

Vocês tombam da íntima árvore branca, abatidas
Aqui e ali, em qualquer lugar, na ala das estátuas.

Da cor dos velhos dias, de minhas vestes de infante,
Quando os fortes ventos de outono soaram o olifante.

E vocês tombam sempre, juntando suas agoniias,
Vocês tombam, unindo, pálidas suas harmonias.

Vocês cairam na alvorada no sulco dos caminhos;
Vocês choram de meus olhos, caem de minhas mãos.

Como lágrimas douradas que de meu coração escorrem
Nos meus áridos vinte anos vocês caem todas, todas .